

“Todas as mulheres do mundo”
Um olhar sobre Leila Diniz e seu tempo.

KENIA GUSMÃO MEDEIROS¹

RESUMO

Um símbolo de liberdade e ousadia, Leila Diniz é uma atriz já representada em alguns trabalhos de caráter biográfico. Como se sabe, contudo, a escrita desse gênero contém esquecimentos, silenciamentos e olhares distintos que representam perspectivas também diversas de um mesmo personagem. A Leila que rompe com padrões sociais e comportamentais de uma época, tem sido a memória mais frequente dessa artista, em detrimento dos aspectos de sua vida familiar e profissional que também se conformaram nas instâncias que formaram sua personalidade. Por meio de depoimentos de pessoas ligadas a atriz e de sua própria voz em entrevistas e cartas, este trabalho procura mostrar uma Leila que representa sim ousadia e liberdade, mas que para além disso, conforma também outras possibilidades de interpretação. Observar o que nessa mulher era considerado fora dos padrões, quais discursos dão conta disso, em que aspectos ela se assemelhava a qualquer mulher de seu tempo, também podem ser importantes meios para um melhor entendimento dessa personagem e da época em que viveu.

Palavras-chave: Biografia, Leila Diniz, Comportamento, Mulher.

Questão de gênero

Este artigo versa sobre a vida de Leila Diniz e as possibilidades de compreensão das condições sociais vividas pelas mulheres dos anos 60 e início dos anos 70, por meio dos eventos narrados em suas biografias e entrevistas. O cerne da pesquisa consiste numa proposta de repensarmos o mito “Leila Diniz”, símbolo de irreverência e ousadia feminina. Não há a pretensão de uma negação do seu lado mais marcante que é tão conhecido e que caracteriza sua personalidade. O intento consiste em acrescentar outras características e desejos demonstrados e vividos por Leila para além dos que costumam se destacar na memória já cristalizada sobre a atriz.

Discutir sobre os diversos papéis sociais da mulher, seus espaços, direitos e lutas ainda se faz muito necessário. Em vários países pelo mundo mulheres ainda sofrem com

¹ Professora do Instituto Federal Goiano Campus Posse. Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em História pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: kenia.gusmao@ifgoiano.edu.br

menos direitos e a obrigações absurdas que ferem a noção de dignidade humana e solapam a formação de suas identidades. O Brasil, país democrático na constituição, em meio a mudanças políticas recentes mostra uma tendência ao questionamento de direitos e demandas femininas. O contraponto positivo a esse contexto é o atual uso das redes sociais que além de permitirem maior divulgação de informações e discussões, fomentam denúncias e a organização de grupos de apoio para mulheres que muitas vezes nem sequer haviam refletido sobre as variáveis possibilidades do “ser mulher.

Este trabalho constitui-se então em uma análise biográfica que pode servir como mais uma possibilidade de conhecimento e compreensão de aspectos históricos do Brasil, especialmente dos anos 60 e 70 do século passado. É dedicado a Leila Diniz, a Maria Auxiliadora Lara Barcelos (a Dodora), a Iara Iavelberg e tantas outras que ousaram não seguir os roteiros socialmente estabelecidos para suas próprias existências.

Reflexão teórica

Não é recente o debate sobre o uso de biografias e auto-biografias na construção do conhecimento histórico. A essa contenda ainda podem ser acrescidas as discussões em torno do uso de diários e cartas enquanto fontes historiográficas. Nas últimas décadas, em grande medida em decorrência das renovações propostas e incorporadas pela História Cultural, essas fontes propiciaram a feitura de várias e diversificadas pesquisas. Que fique claro que essa construção da história enquanto espaço de trabalho não se deu num *devir* onde tenha imperado a ausência de conflito.

Claro que esta ocupação de espaço se efetiva em meio a querelas territoriais nem tão novas, posto que constitutivas da encenação acadêmica e, paradoxalmente, estimulantes. Problemáticas mesmo, elas se configuram para o profissional que, por dever de ofício, se dispõe a desvendar o intrincado caminho das especialidades, imbricações, domínios e “lotes da história”.²

No caso biográfico, o aspecto do tributo ao particular, a experiência individual, e ao acaso, ao indeterminado não são características que favoreçam ou corroboram com os clamores de uma história alinhavada pela razão, pela causalidade e pela prestigiosa noção de ciência. Esse tempo indeterminado do cotidiano é ainda menos confiável no caso das

²MELLO, Maria Thereza Negrão de. História cultural como espaço de trabalho. In: KUYUMIJIAN, Marcia de Melo Martins & MELLO, Maria Thereza Negrão de. (orgs.) **Os espaços da história cultural**. Brasília: Paralelo 15, 2008. p. 17.

biografias. Não obstante, alguns trabalhos biográficos esboçarem lindas trajetórias retilíneas ignorando acasos e desvios, o gênero biográfico é por essência o *lócus* da incerteza, narrativa da qual não se pode concluir desfechos em contextos herméticos, é ainda o discurso que também comporta aqueles que florescem contradizendo o meio.

O risco do discurso do “indivíduo eleito” ou do “projeto original”³ ronda a escrita biográfica. Devemos nós historiadores então, ao nosso ver, criadores também de ficções (mas não possuidores de muitas licenças poéticas), ficarmos atentos para não fazermos da escrita biográfica na história, ou do seu uso como fonte, a consagração das sagas de heróis que nascem prontos e predestinados.

O destino, na existência, corresponde a uma determinação total da pessoa marcada por uma necessidade que predetermina todos os acontecimentos da sua vida; desse modo a vida é somente a realização (um cumprimento) daquilo que desde o início se encontrava na determinação da existência. (...) Ora ela apenas cumpre a necessidade de seu destino (...) O destino é a transcrição artística do rastro deixado na existência por uma vida regulada de seu interior de seus objetivos, é a expressão artística do *depósito* deixado na existência por uma vida que é completamente pensada de seu interior. Esse depósito na existência também deve ter sua lógica, mas não é a *lógica dos objetivos* da própria vida, e sim a lógica puramente artística que governa a unidade e a necessidade interna da linguagem.⁴

É evidente que os sujeitos possuem muitas facetas e a imensidão das práticas cotidianas é inatingível em sua completude. Talvez a grande questão da biografia seja a angústia em relação a incontrolabilidade com a qual os historiadores ainda não sabem bem como lidar; o tempo indeterminado, acidentado, é estranho e arredo as tentativas da domesticação e explicações historiográficas. ⁵“O que a prospectiva não faz a historiografia garante, obedecendo à mesma exigência (fundamental) de cobrir pela produção de uma razão (fictícia) a obscenidade do indeterminado.”⁶

Cornelius Castoriadis nos ensina que os indivíduos são formados por instâncias psicológicas que se sobrepõem em camadas que não raramente se contradizem⁷. Levi-

³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183.

⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997. p. 188.

⁵ Não significa dizer que as possibilidades de ação de um sujeito biografado nos dados momentos estudados sejam infinitas e aleatórias, mas significa que elas não são arbitrariamente definidas pelo contexto

⁶ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.311.

⁷ CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto III**. O mundo fragmentado. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

Strauss também já advertiu para a infinidade emocional, psíquica e mesmo hormonal por trás do que se convencionou como “fato histórico”⁸. Deste modo, como seria com qualquer outro biografado, Leila não pode ser apresentada em toda a totalidade de sua breve existência. Situa-se nesse ponto um aspecto importante para se falar de Leila Diniz; suas contradições. O mito que foi criado da mulher ousada e atrevida não é suficiente para explicar todas as sensibilidades e pormenores da personalidade de Leila.

“A censura é ridícula, não tem sentido”, dizia a contestadora política. “Gostaria de ter vinte filhos para fazer uma escolinha em casa”, dizia a futura mãe. “Meu analista mandou um bilhete dizendo:” Assisti teu filme. Continuo a acreditar em você como gente e agora como artista”, dizia a analisada com vida interior. “Se eu quisesse fazer(*) estava rica. Em São Paulo, fazendeiro, industrial, me ligam para o hotel: ‘Então, vamos jantar e tal’”, dizia a debochada do corpo desejado. “Eu estava dizendo que eu sou uma pessoa sem sentido porque o meu sentido é esse: eu escolho meus trabalhos pela patota”, dizia a trabalhadora lúdica. “Eu só tive um homem negro. E não vou comparar meus homens porque é sacanagem”, dizia a amante madura.⁹

Muitas mulheres em Leila

Leila Diniz, sempre associada ao seu comportamento irreverente e atrevido quando comparado aos padrões da época em que viveu, já foi objeto de alguns trabalhos de caráter biográfico. Liberdade e ousadia indubitavelmente foram traços marcantes de sua personalidade, entretanto, atrás do mito da mulher livre e alegre, existem dramas familiares, complexidades e desejos por vezes contraditórios e outros aspectos que corroboraram na formação da personalidade de uma mulher que enfrentou há mais de cinco décadas, imposições e discriminações que muitas mulheres de hoje ainda buscam combater.¹⁰

⁸ *Apud*: BERBERT JUNIOR, C. O. **Teoria da História e Filosofia da História**: Uma análise das relações entre a epistemologia, a metodologia e o pensamento especulativo. Dimensões, vol. 24, 2010, p. 173-192. ISSN:1517-2120.

⁹ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *op.cit.* p.161.

¹⁰ Além dos trechos de diários e cartas de Leila já publicados, existem ainda muitos outros cadernos escritos por ela que permanecem ainda desconhecidos. Eles estão com aquela que foi sua melhor amiga, a também atriz Marieta Severo. Várias editoras já fizeram propostas de publicação, mas Marieta nunca se interessou, ela e disse ainda não ter lido os escritos de Leila por não ter esse direito. Leila já foi objeto de distintas análises biográficas. Os trabalhos mais conhecidos são livros e filmes. Miriam Goldemberg faz em seu livro “Toda mulher é meio Leila Diniz” de 1995 um breve inventário sobre essas pesquisas. A autora citada elenca como principais obras o longa “Leila Diniz” de Luiz Carlos Lacerda (1987); o livro “Leila para sempre Diniz” do mesmo autor e publicado no mesmo ano; o livro “Leila Diniz” de Cláudia Cavalcanti (1983); o vídeo “Leila para sempre Diniz” de Sérgio Rezende e Marisa Leão (1974); e o vídeo “Já que ninguém me tira para dançar” de Ana Maria Magalhães (1982). Nesse corpus documental analisado por Miriam Goldemberg estão o trabalho do melhor amigo, da fã e de pesquisadores inquietos e curiosos em

Leila nasceu no em Icaraí, Niterói, em 25 de março de 1945. Seu pai Newton, era bancário, mostrava muito gosto por discussões políticas e era comunista. Sua mãe Ernestina, era professora de educação física. Eles se conheceram em Vitória no Espírito Santo, como sua mãe engravidou antes do casamento, foram para o Rio de Janeiro para fugirem de possíveis falatórios e pressões sociais. Ernestina, entretanto, por problemas de saúde deixou os dois filhos mais velhos Elio e Eli, juntamente com Leila que ainda não completara um ano de idade, para se tratar. O casamento já não ia bem. Newton nesse ínterim conheceu Isaura com quem veio a se casar, quando Leila ainda era bem pequena, pouco antes dos dois anos. Com a mãe adotiva, seu pai teve ainda mais duas filhas Regina e Lígia. Ela cresceu acreditando que Isaura fosse sua mãe e só veio saber a verdade por volta de seus quinze anos. Essa descoberta causou-lhe revolta e decorreram-se conflitos com a família.

Na adolescência Leila gostava de frequentar festas e mantinha amizades com artistas e intelectuais, incluindo pessoas bem mais velhas do que ela. Talvez por ter crescido ouvindo as falas de seu pai comunista, o que na época não era exatamente o que se poderia chamar de padrão social, não tinha muito receio em ser contraditória e de mostrar isso aos outros. Aliás, se hoje a obra de Marx e seus desdobramentos teóricos e práticos despertam exacerbadas paixões assim como, rejeições contundentes e tudo isso muitas vezes baseado em pouco entendimento, o comunismo naquele momento do Brasil ainda era um grande tabu social. Segundo depoimentos de seus irmãos, a mãe adotiva era uma pessoa controladora e exigente, com quem os filhos mais velhos de Newton não se davam bem, motivo que fez com que eles saíssem de casa muito cedo.

Enfim, pai comunista e ateu; mãe adotiva possessiva e controladora; mãe biológica desconhecida até os quinze anos de idade; a vida familiar não poderia ser considerada das mais tradicionais segundo os padrões morais da sociedade brasileira dos anos 50,60 e 70.

Antes de ser atriz, Leila trabalhou como professora de ensino infantil. Adorava estar perto das crianças. Trabalhou numa escola de vanguarda, que valorizava o ensino

relação à vida da artista. Neste trabalho, está presente parte desse corpus analisado por Mirian Goldemberg. Além desses trabalhos são utilizados aqui também a biografia de Joaquim Ferreira dos Santos “Leila Diniz” de 2008 pela Companhia das Letras e ainda os textos “Retorno às origens” de Eli Diniz e “Leila Diniz em várias versões” de Maria Lygia Warm de Moraes.

de artes e a liberdade das crianças. Dando voz a própria, podemos com uma frase sua ter uma ideia de como ela encarou esse trabalho: “Professorinha uma porra! Eu fui professora!”¹¹. Um livro lhe marcou profundamente, “Liberdade sem medo” do educador inglês Alexander S. Neill que também foi o fundador da renomada escola de Summerhill em 1921. Segue um trecho de uma carta escrita por ela a Neill:

“Meu amigo,
Esta carta é importante porque eu gostaria de lhe dizer o quanto você tem me ajudado em muita coisa na minha vida.
Leio seu livro há seis anos. Leio e releio. (...)
Saí de casa cedo por problemas de revolta e desentendimento com meu pai e minha mãe adotiva. (...) Fiz um curso no Ministério da Educação que não serve pra nada. Procurei emprego porque gostava muito de crianças e realmente sabia me entender com elas. Mas nem sempre me entendia muito bem com os pais que não acreditavam em mim devido à minha pouca idade e me pareciam muitas vezes uns monstros de tão absurdos.
Uma amiga me indicou seu livro, e ele passou a estar sempre comigo. Ele me deu aulas e o apoio de que eu precisava. (...)
Hoje em dia sou atriz, tenho vinte e dois anos, moro sozinha.
É difícil explicar o quanto você foi necessário e ainda é. Hoje tive vontade de lhe escrever, estava lendo o capítulo sobre o medo. E foi bom ter me lembrado disso, porque não tinha muita coragem.”¹²

Nos anos 60 do século XX a “teoria do capital humano” foi pensada e divulgada como algo positivo, foi ainda celebrada como a prova definitiva a respeito de um valor da educação, e esse valor teria inclusive implicações econômicas. Desse modo, a educação passou a ser encarada como o suporte necessário para o desenvolvimento do mundo do trabalho e do capitalismo.¹³ Em 1960, Neill publicou “Liberdade sem medo”, o livro que encantou Leila. Neill criticava uma educação desprovida de emoções, mecanizada e que privava os alunos da felicidade, para o autor nesse tipo de processo educacional se encontravam causas de traumas e problemas observados na vida adulta. Enquanto professora ela colocou em prática algumas ideias aprendidas e ou inspiradas pela obra desse pensador; aboliu a mesa da professora e se colocou em igualdade com os alunos; dividia o lanche com as crianças e em certa oportunidade, adequou seus palavrões

¹¹ GOLDEMBERG, Mirian. **Toda mulher é meio Leila Diniz**. Rio de Janeiro: Record, 1995.p. 241.

¹² GOLDEMBERG, op. cit. p. 68.

¹³ Na década de 70 críticas a esse pensamento começaram a surgir. Essas apreciações contrárias a teoria do capital humano, demonstraram que a educação subordinada ao campo da economia, a tornaria um serviço oferecido as classes dominantes e ao capitalismo. Como consequência, a exploração do trabalho daqueles indivíduos menos favorecidos socialmente se ampliaria.

que costumavam ficar fora da sala de aula, ao vocabulário infantil. Teve problemas com a direção da escola e principalmente com os pais das crianças.¹⁴

Sua estreia como atriz aconteceu em julho de 1964 no papel de uma onça boazinha na peça “Em busca do tesouro” de Rubens Rocha Filho. Nos tempos de professora já fazia alguns anúncios, figurações para a televisão e para o cinema, além de trabalhos rápidos como modelo, tudo isso para aumentar a renda de professora do ensino infantil, que não era das melhores. Foi bastante incentivada por seu então marido, o cineasta e produtor Domingos de Oliveira, a investir na carreira de atriz. Ficou casada com ele por três anos, e ele mesmo a dirigiu em “Todas as mulheres do mundo” já após o término do relacionamento. Muitos viram nesse filme uma homenagem de Domingos a Leila, havia no roteiro muitos elementos biográficos sobre Leila e sobre a história vivida pelo casal.

(...)Domingos usou troços paca. Coisas da vida da gente, frases da gente. No fundo, eu acho que foi por isso que o filme fez sucesso. Tudo que é muito fundo na gente, muito verdade da gente, funciona e passa seja (*) ou não.¹⁵

Desde o início de sua carreira de atriz Leila já se mostrava publicamente como uma mulher que valorizava sua liberdade e que não tinha problemas em mostrar o seu corpo quando desejasse fazer. Muitas de suas entrevistas, contudo, recebiam um filtro como era comum na época, o intuito era não publicar declarações que fossem chocantes demais para o leitor; os típicos palavrões da atriz foram muitas vezes retirados.

Nossa sociedade ainda hoje se comporta de maneira hipócrita em relação ao corpo feminino que é alvo de extrema sexualização. Em vários setores midiáticos por exemplo, mulheres que amamentam seus filhos em público não raro são censuradas; mulheres fora dos padrões socialmente impostos, que aceitam e mostram seus corpos também não são bem vistas; mulheres que envelhecem devem obedecer a conduta da discrição. De modo geral, os entendimentos, demonstrações e celebrações do corpo feminino que não são dedicados a atender a sexualidade masculina são vistos como tabu.. Nos anos 60 e 70 isso era ainda mais naturalizado na sociedade brasileira. Na síntese da historiadora Michelle Perrot, o corpo feminino é onipresente, mas continua opaco.¹⁶

¹⁴ Cf.: GOLDEMBERG, op. cit. p. 243.

¹⁵ GOLDEMBERG, op. cit. p.233.

¹⁶ Cf.: PERROT, Michelle. **As Mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUS, 2005.

Gostei de mim quando fui tomar banho de mar pelada de noite em Paraty e tinha aquela água brilhando com a lua. Você quer morrer, fica com aquelas gotinhas prateadas no corpo, divina e maravilhosa.¹⁷

Uma entrevista concedida em fins de 1969 ao jornal *O Pasquim*, seria o ápice da imagem de mulher fora dos padrões da atriz, uma Leila quase sem interdições foi mostrada e as consequências dessa exposição não demoraram. *O Pasquim* representava um jeito novo do jornalismo se expressar no Brasil; esse estilo novo se caracterizava pela linguagem utilizada e por um trato diferente dado ao conteúdo. Ao contrário de outros veículos, *O Pasquim* trazia comentários e opiniões. Logicamente não passou despercebido ao departamento de censura e foi bastante perseguido.

O “quase sem interdições” anteriormente citado se justifica porque, mesmo sendo uma entrevista que marcou época e que hoje representa um clássico da imprensa brasileira justamente por ter dado voz a uma mulher que rompia barreiras, ainda assim, houve por parte do editor Tarso de Castro algumas supressões de trechos que considerou fortes demais para aquele momento. A edição do Jornal com a polêmica entrevista da atriz de cinema e das novelas que nesse momento já pautavam as noites cotidianas da classe média, vendeu cerca de 117 mil exemplares, um número bastante expressivo.¹⁸

Eu gosto é de trepar porra! Acho que para mim seria bacana trepar todo dia. E não me importaria se fossem uma, duas, três, vinte ou mil vezes por dia. Eu tenho uma puta resistência física. Já me aconteceu de passar uns três dias não fazendo outra coisa senão trepar sem parar.¹⁹

“Eu nunca comi mulher nenhuma, porque elas não tem pau. E pra mim pau é um negócio essencial. Eu gosto muito da coisa entrando em mim. Pode fazer tudo o que quiser também, mas pra mim pau é fundamental.”²⁰

. É mais do que conhecida a importância cultural do cristianismo na história da humanidade, desde o seu advento ele estabeleceu regras, condutas e modelos tanto a serem seguidos como repudiados por seus fiéis. O modelo maior de mulher para essa religião foi desde a Idade Média, Maria. Maria a mãe do próprio Cristo, a virgem,

¹⁷ ¹⁷ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. op. cit. p.159.

¹⁸ Além da entrevista de Leila a edição trazia dentre outras coisas, um texto de Jô Soares refletindo em tom jocoso sobre as próprias transgressões do periódico; os clássicos fradins de Henfil e ainda um longo texto criticando o economista americano Herman Kahn que defendia a internacionalização da Amazônia. Os trechos que são apresentados abaixo foram alguns dos que ficaram de fora da edição:

¹⁹ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Leila Diniz: uma revolução na praia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 159.

²⁰ Idem, p. 159.

imaculada a escolhida de Deus. Maria foi adotada pelos cristãos como mãe da humanidade, a intercessora. Em sentido oposto, a cristandade repudiou Eva, a pecadora, a mulher que mordeu o fruto proibido e induziu o homem a fazer o mesmo; isso sem falar em Lilith, a possível rebelde retirada dos textos sagrados no Concílio de Trento. O modelo de mulher que por séculos foi imposto às mulheres, foi o de uma mulher que viveu a maternidade, porém não se deleitou em qualquer atividade carnal. O sexo deveria ser encarado por elas como um dever para com Deus, sua finalidade seria a procriação dos filhos do Senhor.

Sérgio Cabral: Você deixou de ser virgem com que idade?

Leila: De quinze para dezesseis. Mas esse negócio de idade é bobagem. Você deixa de ser virgem quando está com vontade. Eu estava. Não deixei antes porque meu namoradinho não quis, ficou com medo.²¹

Em “História da sexualidade” Foucault argumenta que a definição de uma pessoa como pertencendo a determinado sexo, serve ao controle e a regulação social da sexualidade. Os comportamentos, desejos e práticas sexuais são então justificados por uma pré-determinação, uma condição anterior. A sexualidade então de modo algum se reduz a experiências e sensações de prazer que um indivíduo possa buscar ou oferecer; para além, a sexualidade é um meio de interpretação do sujeito. Em outras palavras, interpreta-se a sexualidade para verificação de manifestações que sejam coerentes com o sexo pré-determinado para aquele indivíduo.²²

A sexualidade de Leila, em seus discursos e práticas, não convergiam com o que se esperava de uma mulher. Essas imposições de gênero se fazem presentes na vida das pessoas desde muito cedo e quando são publicamente questionadas ou subvertidas, encontram ecos estrondosos de conservadorismo. De acordo com Judith Butler o gênero é um ato e requer “performances repetidas”²³. A mesma autora reflete ainda que, essa é uma ação pública, mesmo quando corpos individuais encenam esses gestos, movimentos, estilos e discursos. Leila em sua complexidade, reificava com sua feminilidade e beleza esse gênero/ato, ao mesmo passo que o subvertia com sua linguagem e suas revelações sexuais.

²¹ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Op. cit. p. 155.

²² Cf.: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.

²³ BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. p. 200.

Além dessas supressões, na entrevista que seguiu para as bancas, no lugar dos palavrões tão comuns e característicos do linguajar da entrevistada, entraram asteriscos, mais precisamente 72²⁴. Foi a forma encontrada por Tarso de Castro para não haver problemas com a censura. O sexo já era visto inclusive por muitas mulheres, como fonte de prazer e não somente com a finalidade da procriação, falar isso abertamente num semanário conhecido nacionalmente, contudo, era bem diferente. Os asteriscos não foram suficientes e após essa entrevista foi instaurada a censura prévia a toda a imprensa, essa determinação ficou popularmente conhecida como decreto Leila Diniz.

Tarso: Você disse que achava teatro chato. Eu também acho. Você ainda vai a teatro?

Leila: Eu vou muito pouco. Geralmente eu durmo. Eu fui assistir “Oh que delícia de guerra” com a Marieta e ela me cutucava o tempo inteiro (...). Quando eu estou representando em teatro tenho vontade de parar e fazer careta pra plateia e dizer: o que é que vocês estão aí me olhando, o que é isso?²⁵

As mulheres já nos anos 60 já tinham algumas liberdades, dentre elas a possibilidade da pílula anticoncepcional.. Já não era tão raro moças não se casarem virgens, entretanto, como já dito, não era comum que falassem abertamente sobre suas experiências sexuais e muito menos que se orgulhassem disso. Leila que fazia tudo isso, causava estranheza em muitas pessoas, até mesmo pessoas que se tornaram grandes amigos seus relataram esse choque *a priori*, esse seu comportamento era visto como masculinizado. Segue um segmento entrevista publicada pelo *Pasquim* em 69.

Jaguar: Amar e ir pra cama são a mesma coisa?

Leila: Não. Eu não acho bacana ir para a cama. Eu gosto muito, desde que dê aquela coisa de olho e pele. Agora, eu não acredito nessa coisa do amor possessivo e acho chato. Você pode amar muito uma pessoa e ir para a cama com outra. Isso já aconteceu comigo.²⁶

Leila indubitavelmente foi uma mulher que rompeu com padrões e conceitos da época em que viveu. Seu “permitir-se” chocou muitos e ela sofreu as conseqüências disso principalmente na vida profissional. Apesar disso, como já dito, pensar Leila apenas como esse mito de mulher revolucionária deixa para trás aspectos importantes de sua

²⁴ O recurso dos asteriscos foi uma estratégia usada pela primeira vez justamente nessa entrevista. Mais tarde eles também foram proibidos pelo departamento de censura por indicarem o uso de palavra indevida.

²⁵ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. op. cit. p.148.

²⁶ Ibidem, p.149.

personalidade. A certa altura da vida sonhava casar, ter um marido e ser mãe, esses desejos não costumam receber tanta visibilidade nos lugares onde sua memória é celebrada.

Aliás, a palavra “revolucionária” utilizada comumente em definições feitas sobre a atriz também merece alguma problematização. Ela não foi engajada à maneira que a esquerda daquele momento julgava necessário e conveniente. Sua politização se realizava no vestir, nos palavrões; na desinibição; na vivência de uma sexualidade interdita para mulheres; na ajuda aos que dela precisassem mesmo que isso a colocasse em perigo; na toalha ²⁷ na cabeça na capa do *Pasquim*; no biquíni que deixava a mostra a “sacralidade” do dom da maternidade. Naquele momento talvez poucos pudessem enxergar nisso atitudes politizadas; ainda não era tão clara a importância das ações cotidianas que reverberavam essas transfigurações do político.

As feministas de esquerda acharam que ela fazia o jogo dos chauvinistas e não passava de uma “mulezinha” ao dispor dos trabalhos de cama e mesa. Os comunistas a achavam alienada.²⁸

Por outro lado, por seu comportamento não convencional, soma-se também a construção de um estereótipo da “mulher fácil”, da “vagabunda”, facilmente atribuídos as mulheres que não aderiam as condutas consideradas normais. Se grande parte da esquerda não compreendia Leila, a direita a abominava e lançava sobre ela todo o seu recalque e moralismo.

“Todo mundo lê minhas entrevistas, vê os títulos de ‘Mulher Livre’, e fica achando que eu sou aquela (*) da zona.”²⁹

“Não sou contra o casamento, uma coisa mais difícil que representar ou escrever. Nem todo mundo tem esse dom. Apaixonar-se não é igual a casar-se. Não se pode andar com vários homens sés e gosta de alguém. Não é possível dividir o amor. É preciso entregá-lo a uma pessoa de cada vez. É difícil ser fiel. O homem não é fiel. Uma mulher deve ser? As mulheres ainda não estão preparadas para essa experiência e para essa igualdade entre o homem e a mulher.”³⁰

²⁷ A foto da capa do *Pasquim* onde Leila aparece informal e descontraída com uma toalha na cabeça, foi ideia dela mesma, o fotógrafo foi Paulo Garcez. Ele contou que as fotos foram feitas no dia seguinte a entrevista, ainda na casa de Tarso, quando Leila voltava da praia.

²⁸ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Leila Diniz: uma revolução na praia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 167.

²⁹ Idem. p.160.

³⁰ Idem, *ibidem* p. 135.

Após a tão falada entrevista ao jornal *O Pasquim* Leila teve muitas dificuldades para conseguir trabalhos na televisão, que correspondiam as atividades mais rentáveis, visto que no cinema ocorria muita diversão, mas os recursos eram reduzidos. Ela já havia sido escalada por Daniel Filho, na época da publicação polêmica para a novela “Véu de Noiva” de Janete Clair, entretanto, segundo contam a autora não achou que seria conveniente tê-la na trama, visto que isso poderia causar uma rejeição no público³¹

Ela foi sucesso de público e crítica na peça ao estilo teatro de revista e com certo tom tropicalista “Tem banana na banda”. Leila teve que pegar também alguns trabalhos alternativos na TV. Dentre eles acabou aceitando por necessidade um convite para compor o júri do programa de Flávio Cavalcanti.³² Nesses tempos difíceis em que Leila fez participações em programas de auditório para a TV, ela conheceu Ruy Guerra. Acabaram se apaixonando e juntos tiveram uma filha, Janaína. Após tantas portas fechadas na TV, especialmente as da TV Globo, a atriz partiu para a aventura de um negócio próprio. Abriu em sociedade com a ex-modelo internacional Vera Barreto uma loja de roupas. Vera escolhia os modelos e Leila divulgava a loja e fazia vendas foi aliás, nesse ínterim que ela engravidou.

Com a gravidez, ela ficou radiante, já havia um tempo que desejava ser mãe. Como sempre fora uma mulher da praia, do sol, do mar, consultou um dermatologista sobre tais condições durante a gestação e ouviu que o sol fazia bem. Foi à praia, de biquíni. Se hoje é uma cena comum e saudável vermos mulheres grávidas aproveitando dias de sol nas praias brasileiras, naquele momento, 1971, as coisas eram um tanto quanto diferentes. Ao ser fotografada nesse momento de descontração, foi mais uma vez polêmica, estaria profanando o dom sagrado da maternidade.

A exposição da gravidez materializou, corporificou seus comportamentos transgressores. Leila fez uma verdadeira revolução simbólica ao revelar o

³¹ . Alguns atribuem a Janete a frase “Não tem papel de puta na minha novela”, Leila foi então substituída por sua amiga Beth Faria.

³² Flávio era considerado um conservador e direitista, seu programa era visto como sensacionalista e explorador da miséria dos mais pobres, além de desprovido de qualquer condição cultural. Flávio além de ter dado o citado emprego a Leila, a ajudou a fugir dos militares no meio de uma apresentação de seu programa ao vivo e a escondeu em sua própria casa com sua família pelo mês seguinte.

oculto – a sexualidade feminina fora do controle masculino – em uma barriga grávida ao sol.³³

Indo um pouco além, o registro de Leila grávida que também foi divulgado no *Pasquim*, se contrapõe a figura da mulher sexy. É uma foto que como já dito, não esconde a barriga que carrega uma criança, é uma fotografia que mostra toda a alegria e contentamento com aquele estado, aquele corpo, aquele instante. Uma de suas imagens mais marcantes é a que revela em seu corpo, sua maternidade. A sociedade brasileira de então que se via estarecida com a sexualidade aberta, com o biquíni na hora do almoço na avenida Rio Branco, também se chocava com a gestação exposta ao sol em Ipanema. A família tradicional brasileira dos anos 70 julgou imoral Leila não usar uma bata para esconder a barriga, prática comum naquela época.

A gravidez é um negócio maravilhoso. Dá uma sensação de absoluto; a gente fica completa. Acho que o negócio máximo de ser fêmea é estar prenha.³⁴

Assim, Leila antecipou-se ao movimento feminista no Brasil dos anos 60, levando à prática uma ousada proposta de emancipação da mulher. Expressou uma nova concepção dos vários papéis femininos, assumindo uma postura inovadora em relação ao amor, à maternidade e à gravidez. Desmistificou a imagem da mulher submissa e dependente. Rompeu com a Idéia da maternidade enquanto sacrifício e renúncia. Grávida de Janaína, ostentou orgulhosamente sua barriga, exibindo sua felicidade expressa, entre outras coisas, nas transformações do seu próprio corpo.³⁵

Leila viajou com a equipe para divulgar o filme era “Mãos vazias”³⁶, que era sobre uma mulher que rompia com a sociedade que a sufocava. A viagem se estenderia por vários países, Austrália, Inglaterra, Malásia e Índia.. Apesar da diversão, sentia muita falta da filha e deixava isso claro para os colegas. Mandava postais e telefonava todos os dias para saber da filha. É comum para muitas mulheres o sentimento de angústia ao precisarem se dividir entre o trabalho e os filhos, Leila como qualquer mulher também sofreu com a delicadeza desse momento. A maternidade era um desejo e uma realização,

³³GOLDENBERG, Mirian. Barriga libertária. In.: Revista de História. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/barriga-libertaria>. 14/06/2012. Acessado em maio de 2016.

³⁴ MORAES, MARIA LYGIA WARM DE. Leila Diniz em várias versões. In.: **Revista Estudos feministas**. pp. 497-501. n.º2, 1994. p. 500. Disponível em: <http://refe.paginas.ufsc.br/revistas-antiores/volumes-1-ao-10/volume-2-no-2-1994/>. Acessado em abril de 2016.

³⁵ DINIZ, Eli. Retorno às origens. In.: **Revista Estudos feministas**. pp. 454-462. n.º2, 1994. p. 461. Disponível em: <http://refe.paginas.ufsc.br/revistas-antiores/volumes-1-ao-10/volume-2-no-2-1994/>. Acessado em abril de 2016.

³⁶ O filme foi um convite de seu amigo Bigode, não obstante a falta de recursos o filme, foi bem recebido nos festivais dos quais participou.

contudo, a carreira também era. Por saudades da filha resolveu apressar a volta. Refletir sobre essa maternidade tão desejada e sobre essa sua antecipação da volta para o Brasil para estar com sua filha, traz uma perspectiva da mulher comum, que em algum momento abre mão de seus projetos e planos para dedicar-se a família

Não sei por que estou voando para a Índia. Que tenho eu a ver com a Índia, se Janaina está lá na Barra, com a babá. Eu sou mesmo uma louca. Que eu vim fazer aqui, no fim do mundo? Afinal, quem é a mãe de Janaina, eu, que estou aqui, ou a babá, que está com ela? Acho que estou ficando velha. Estou cansada.³⁷

Eu cansei de toda aquela agitação. Precisava de um pouco mais de calma e tranquilidade para colocar minha vida em ordem. Descobri também que minha filha é a única coisa verdadeira que possuo. E, depois, ela está crescendo e precisando de mim. (...) Estou tão ligada nela que até me esqueço do resto do mundo.³⁸

A perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pôde ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo.³⁹

Em abril de 2016, quarenta e quatro anos após a morte de Leila, uma matéria na revista *Veja*, definiu a primeira dama Marcela Temer, como “bela, recatada e do lar”. O texto era elogioso e enaltecia Marcela por sua postura discreta e por ela usar saias sempre na altura dos joelhos; foi apresentada como a mulher por trás do grande homem. Mulheres de todo o país publicaram suas fotos em posições e atividades consideradas não convencionais para mulheres, acompanhadas da frase “bela, recatada e do lar”. Os movimentos feministas explicaram exaustivamente que não se tratava de uma crítica as mulheres que possuíssem tais características, mas uma oposição a vinculação desses aspectos como ideais. Essas imposições já haviam sido criticadas em 1792, pela escritora Mary Wollstonecraft em seu livro “Reivindicação dos direitos da mulher”, podemos deduzir por conseguinte, que a desconstrução dos argumentos e práticas conservadoras que limitam as mulheres ainda é uma luta em curso.

³⁷ MORAES, MARIA LYGIA WARM DE. Op.cit.p.501.

³⁸ Idem, p.501.

³⁹ SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. In.: **Cadernos Pagu**, (16) 2001: pp.137-150.. p. 142.

A reação do movimento feminista e simpatizantes foi importante e deixou uma mensagem: imposições de gênero não são mais aceitas sem questionamentos de muitas. Desse, como de outros episódios, fica contudo, uma questão. As mulheres que se encontram fora desses movimentos, que se encontram fora do mercado de trabalho, especialmente as de menor poder aquisitivo ou as exercem profissões ligadas a vida doméstica, tem sido também compreendidas, aceitas e representadas pelo movimento feminista? Feminismo para quem? O feminismo contemporâneo enxergaria a Leila com a mesma importância que mãe na mesma medida que a Leila atriz ousada e rebelde?

Entender Leila em sua clássica definição de “todas as mulheres do mundo” vai além de um jargão poético. Muitas mulheres diferentes, ou seja, muitos papéis sociais estão em Leila e em muitas outras que ainda não se sentem compreendidas e ou representadas pelo movimento feminista em seus coletivos e discussões. Margareth Rago chama atenção para a importância de se perceber novas conformações e questionamentos e demandas que se abrem para o movimento feminista, acrescento ainda, que mesmo que essas demandas estejam emergindo de sujeitos sociais que nem sempre conhecem tais discussões e que por vezes representam o que há de mais contrário a ideia que se tem de emancipação feminina.

Décadas depois da incorporação dos estudos feministas e das discussões sobre a categoria do gênero nos debates acadêmicos e nas disputas políticas, é possível referir-se ao momento atual das lutas e reivindicações feministas como “pós-feminismo”, entendendo o conceito não como um marco temporal que indicaria um tempo depois, implicando um momento pré e um pós, mas a partir da instauração de novas configurações nas problematizações e nas relações que se travam no interior desse movimento, quando um determinado patamar de reconhecimento social das questões femininas foi atingido.⁴⁰

Leila embarcou de volta ao Brasil no jato DC8 da Japain Airlines no dia 14 de junho de 1972. Já quase em Nova Deli, no momento da aterrissagem os pilotos resolveram optar pelo pouso por contato visual ao invés do pouso por instrumentos, mas confundiram

⁴⁰ RAGO, Margareth; *Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos.*, 06/2004, In.: "**Póéticas e Políticas Feministas.**", Capítulo, ed. 1, Mulheres, Vol. 1, pp. 12, pp.31-42, 2004. p. 1.

as luzes do aeroporto com as de um vilarejo próximo devido a uma tempestade de areia. O avião tocou o solo e explodiu.⁴¹

As narrativas da existência de Leila e de suas vivências oferecem uma dimensão dos costumes, das aceitações, dos medos, dos tabus, principalmente dos anos 60 e 70 enfrentados ou silenciados pelas mulheres. “A mulher do futuro acaba de dar sua primeira entrevista.”⁴² Sua voz dissonante causou ecos de contradição na sociedade, nesses momentos ela foi a mulher do futuro e por isso mesmo foi tão importante para aquele presente vivido. Foi importante para as mulheres aprisionadas por tantos dogmas patriarcalistas; foi importante para as massacradas pelo cotidiano; para aquelas que viam em seus corpos uma coleção de tabus. Ela foi também importante para as entusiastas do feminismo que perceberam em prospectiva, que Leila havia vivido e ressignificado tantas das teorias que lhes eram caras, mas em função da vida cotidiana e prática.

Leila foi a mulher do futuro que aquele presente, hoje passado precisou; hoje ela é a mulher do passado que nosso presente ainda não foi capaz de entender e aceitar.

Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto III**. O mundo fragmentado. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.
- GOMES, A.C. (org) **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- MELLO, Maria Thereza Negrão de. História cultural como espaço de trabalho. In: KUYUMIJIAN, Marcia de Melo Martins & MELLO, Maria Thereza Negrão de. (orgs.) **Os espaços da história cultural**. Brasília: Paralelo 15, 2008.
- PERROT, Michelle. **As Mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUS, 2005.

⁴¹ Estavam a bordo 78 passageiros e 11 tripulantes. Apenas cinco pessoas se salvaram. Inicialmente especulou-se sobre um possível atentado por conta da Guerra do Vietnã em curso nas proximidades, contudo o inquérito da polícia indiana concluiu como causa do acidente, falha dos pilotos.

⁴² Idem. p. 162.

RAGO, Margareth; Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos., 06/2004,
In.: "**Póéticas e Políticas Feministas.**", Capítulo, ed. 1, Mulheres, Vol. 1, pp. 12,
pp.31-42, 2004

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Leila Diniz**: uma revolução na praia. São Paulo:
Companhia das Letras, 2008.

Revistas:

DINIZ, Eli. Retorno às origens. In.: **Revista Estudos feministas**. pp. 454-462. n°2,
1994. p. 461. Disponível em: <http://refe.paginas.ufsc.br/revistas-antiores/volumes-1-ao-10/volume-2-no-2-1994/>.

GOLDENBERG, Mirian. Barriga libertária. In.: **Revista de História**. Disponível em:
<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/barriga-libertaria>. 14/06/2012.
Acessado em maio de 2016.

MORAES, MARIA LYGIA WARM DE. Leila Diniz em várias versões. In.: **Revista
Estudos feministas**. pp. 497-501. n°2, 1994. p. 500. Disponível em:

<http://refe.paginas.ufsc.br/revistas-antiores/volumes-1-ao-10/volume-2-no-2-1994/>.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. In.:
Cadernos Pagu, (16) 2001: pp.137-150.